

O PAPEL DA MEMÓRIA DRAMÁTICA NO PRÓLOGO DO *TEETETO* DE PLATÃO

Luciano Ferreira de Souza*

Resumo: Este artigo trata de investigar como a chamada memória dramática se torna um conceito chave para interpretar o prólogo do *Teeteto* de Platão. Nele, observarmos como o filósofo dispõe as memórias dos interlocutores, articulando-as a outros dois conceitos, a saber, a oralidade e a escrita para a construção da narrativa. A leitura proposta pretende dar não somente ao prólogo, mas a todo o diálogo, uma função memorialística, dedicada à preservação da memória de Sócrates por Platão.

Palavras-chave: Memória. Prólogo. Teeteto. Platão.

LE RÔLE DE LA MÉMOIRE DRAMATIQUE DANS LE PROLOGUE DU *THÉÉTÈTE* DE PLATON

Résumé: Cet article étudie comment la soi-disant mémoire dramatique devient un concept clé pour interpréter le prologue du *Théétète* de Platon. Nous y observons comment le philosophe dispose les souvenirs des interlocuteurs, les articulant à deux autres concepts, à savoir l'oralité et l'écriture pour la construction du récit. La lecture proposée vise à donner non seulement au prologue, mais à l'ensemble du dialogue, une fonction mémorielle, dédiée à la préservation de la mémoire de Socrate par Platon.

Mots-clés: Mémoire. Prologue. Théétète. Platon.

INTRODUÇÃO

Nos diálogos platônicos, há um pequeno número de passagens em que a memória é abordada e, por outro lado, uma gama muito grande de perspectivas pelas quais ela é abordada. No entanto, existem alguns fatores que tornam o estudo da memória em Platão uma tarefa particularmente difícil, pois, tradicionalmente, o estudo da memória na filosofia platônica diz respeito à teoria da reminiscência, ou à ascensão deste conceito num plano inteligível. Além desta, existem outras tentativas de dar conta do estatuto atribuído à memória, em particular, num plano sensível. Por este viés, entre o inteligível e o sensível, nos textos platônicos em que a memória é mencionada, a questão é

* Bacharel em Letras (grego) pela Universidade de São Paulo. Mestre e Doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo com estágio doutoral no Centre Léon Robin sur la pensée antique, Sorbonne/Paris IV. E-mail: lucianoferr@alumni.usp.br.

colocada em diferentes perspectivas, por serem necessariamente heterogêneos os temas neles tratados, a saber, a descoberta da virtude no *Mênon*, a natureza da alma *Fedro*, o destino da alma no *Fédon*, a investigação do prazer no *Filebo* e definição de conhecimento no *Teeteto*¹⁰⁴.

Ademais, não existe na obra platônica um diálogo consagrado totalmente à memória, não existe uma discussão acerca de sua essência, nem se busca responder à questão “o que é a memória?”, sem essa estar ligada, essencialmente, à teoria platônica da reminiscência. Entretanto, se pensado fora do âmbito da reminiscência, o papel desempenhado pela memória nos diálogos está, muitas vezes, circunscrito a contextos precisos que abordam questões éticas, políticas ou metafísica. Em face desta diversidade de textos e contextos, parece ser extremamente difícil propor uma base interpretativa para a memória na filosofia platônica para além da reminiscência. Não se estranha, no entanto, que os poucos estudiosos que se atentam à questão, cheguem muitas vezes à conclusão de que ela se trata de um ornamento literário ou uma metáfora, ou ainda de um conjunto de recursos usados na argumentação, auxiliar para o entendimento de um problema maior. Por não preencher as condições objetivas da investigação pretendida nos diálogos, o estatuto da memória é muitas vezes simplificado em função de outros argumentos explícitos e tematizados nos diálogos, como se a memória estivesse aparentemente fora do campo de interesse de Platão.

Entretanto, para essa leitura do prólogo do *Teeteto*, a memória surge, ao lado da oralidade e da escrita, como aspecto fundamental para o entendimento da organização dramática do diálogo. A relação estabelecida entre esses três aspectos denomino memória dramática, relação complementar àquilo que denomino memória filosófica. Por memória filosófica compreendem-se as passagens do diálogo em que a memória é discutida pelos interlocutores, quer com recursos argumentativos, quer com recursos estilísticos¹⁰⁵. Tais recursos, argumentativos e estilísticos, dizem respeito à inclusão da memória na compreensão da definição do conhecimento, tema central do diálogo. Quanto à memória dramática, discutiremos a seguir como ela se configura no prólogo do diálogo.

¹⁰⁴ Todas as traduções apresentadas nesse artigo são do próprio autor.

¹⁰⁵ Esses recursos utilizados por Platão são mais evidentes na discussão sobre a possibilidade da opinião falsa, representados pelo “símile do bloco de cera” (*Teeteto*, 191c-196c) e a metáfora do “aviário” (*Teeteto*, 197b-200d).

1. O papel da memória dramática

Por ser um diálogo cuja riqueza temática é abundante, o *Teeteto* de Platão deixa muitas vezes suas sutilezas narrativas passarem despercebidas ao leitor menos atento. Dessas sutilezas, a que nos interessa é como Platão cria e desenvolve as memórias dos participantes no prólogo do diálogo, quer as articulando entre si, quer as articulando com a oralidade e com a escrita, em curta operação dramática que ocupa menos de duas páginas do diálogo, cuja função maior é justamente preservar a memória de seus participantes. Se preservar a memória de seus participantes é um dos objetivos de Platão, este comentário ao prólogo mostra-se, então, pertinente. Pertinente não apenas porque considero o diálogo como um memorial dedicado a Sócrates, mas também porque a memória, enquanto recurso estilístico e, em outros casos, recurso dialético, configura-se também como recurso mediador de suas partes. Isso se dá não apenas na elaboração do prólogo, onde aparentemente isto é posto de maneira mais explícita, mas também em pontos específicos do diálogo, sobretudo nos passos em que uma argumentação é deixada de lado para que outra seja discutida em seu lugar, isto é, quer em sua construção dramática, quer em sua discussão filosófica.

O prólogo tem início com o encontro entre Euclides e Térpsion em Megara, onde Térpsion procurava por Euclides, mas não o encontrava. Sua ausência momentânea se justifica, pois ele acompanhava Teeteto que era levado ferido do campo de batalha para o porto. Essa introdução dramática da personagem tem ares épicos. Homero também pôs em cena o retorno de seus heróis à pátria após a batalha, e seus poemas eram instrumentos para que a honra desses heróis não fosse esquecida. Assim como para um guerreiro homérico, os feitos de Teeteto também não deveriam ser esquecidos, fato atestado pelos interlocutores que refletem sobre as qualidades extraordinárias que ele possuía. Embora as suas ações militares não sejam o conteúdo destas recordações, a batalha a ser lembrada, talvez até mais dura que a guerra, é a conversa que ele travou, ainda jovem, com Sócrates. Ao lado de Homero, Platão. No lugar do poema, o diálogo.

Assim como as palavras do poeta dão fama imortal ao herói, as palavras do filósofo preservam, via diálogo, a memória de seus interlocutores. Sócrates está prestes a ter ciência de seu destino, e o final do diálogo nos dirá isso, já que ele deve dirigir-se

ao Pórtico dos Reis¹⁰⁶ para tomar ciência da acusação que lhe foi perpetrada. Do resultado desta acusação, a morte de Sócrates. O seu destino, portanto, é conhecido. Quanto ao de Teeteto, apenas conhecemos as palavras proféticas de Sócrates de que Teeteto se tornaria notável ao atingir a idade adulta¹⁰⁷. No entanto, é impossível saber se tal profecia se concretizou, pois, de Teeteto adulto, temos apenas a imagem de seu corpo, vítima de um mal que assolou o campo de batalha, a disenteria.

A cena épica, entretanto, possui algumas especificidades. A primeira delas diz respeito a seus três participantes: Euclides, Térpsion e um rapaz escravo. Do primeiro, sabe-se que é de Megara e lá teria fundado uma escola filosófica; do segundo, nada se sabe além do que nos é mostrado no prólogo. Todavia, ambos são mencionados em *Fédon* 59c, presentes no momento da morte de Sócrates e, do rapaz escravo, apenas a menção de que ele será o leitor do diálogo.

Mas voltemos às páginas do prólogo. Euclides nos diz que, enquanto acompanhava Teeteto, lembrou-se (ἀνεμνήσθη)¹⁰⁸ do encontro do jovem matemático com Sócrates. Embora Euclides não estivesse presente durante a conversa, ele a teria ouvido posteriormente do próprio Sócrates. Essas linhas iniciais do diálogo já trazem consigo alguns aspectos da memória dramática. Deles, o primeiro é a ocorrência do verbo *lembrar-se* (ἀναμνήσκω). Tal lembrança é possível (e só é possível) por conta da imagem de Teeteto ferido rememorada por Euclides ao encontrar Térpsion.

Yates (2007) destaca a importância de dois elementos característicos da memória e do processo de rememoração, a saber: lugares e imagens. Tais elementos estão presentes na cena que descreve a primeira aparição de Teeteto no diálogo. O cenário criado por Platão é o traslado de Teeteto do campo de batalha de Corinto¹⁰⁹ para o porto e de lá para Atenas. A lembrança de Euclides necessita, portanto, de um lugar que ateste veracidade à narração que ele está prestes a iniciar, não bastando apenas a sua recordação de Teeteto, mas também um acontecimento que a justifique. As imagens, por sua vez, seriam o fato de Teeteto estar acometido de algumas feridas e de uma doença, disenteria, surgida no exército. Nesse contexto, para que a memória se

¹⁰⁶ Aqui, há uma alusão textual ao diálogo *Éutifron* (2b), em que Sócrates também faz menção às acusações feitas contra ele.

¹⁰⁷ O texto não menciona o que aconteceu com Teeteto logo após o seu retorno à Atenas, se morreu ou sobreviveu a essas condições. Entretanto, visto que o diálogo faz referência à ambiência da condenação e morte de Sócrates, é compreensível que a imagem de Teeteto jovem prevaleça, dado que na *Apologia*, Sócrates precisa defender-se da acusação de corromper os jovens.

¹⁰⁸ *Teeteto*, 142c.

¹⁰⁹ *Teeteto*, 142a.

configure como memória e não como imaginação¹¹⁰, não basta apenas a recordação de Euclides, mas é necessário que uma imagem seja responsável por essa recordação.

Térpsion pede então que Euclides narre essa conversa entre Sócrates e Teeteto. Entretanto, ela não pode ser reproduzida em sua totalidade por Euclides, pelo menos não “*de improviso*” (ἀπὸ στόματος)¹¹¹. Atentemos a esta expressão. Em tradução literal ela significa “*pela boca*”, mas no contexto do diálogo pode ser comodamente por “*de improviso*”, “*de memória*” ou ainda “*oralmente*”, significados que, independentemente do escolhido, já demonstram uma característica de Euclides: ele não é capaz de se lembrar da conversa.

Mas a que se deve essa incapacidade de Euclides de reproduzir oralmente tais conversas? Ora, Euclides não é um aedo inspirado pelas Musas, capaz de narrar os feitos de Teeteto. Mas se ele não o é, Sócrates, em contrapartida, parece sê-lo. Euclides, por sua memória deficiente, retorna a Sócrates a fim de que ele preencha essas lacunas e, graças à memória de Sócrates (essa sim lembrando a figura do rapsodo homérico), é possível o acesso aos detalhes de sua conversa com Teeteto. Assim, a memória de Sócrates é a fonte à qual Euclides deve recorrer para compensar sua memória lacunar. A dependência da memória do outro é, nesta passagem, um exemplo significativo da memória dramática, essencial para a (re)construção da narrativa.

Em vista de sua memória deficiente, Euclides diz ter feito algumas anotações (ὑπομνήματα) dessas conversas. Estes *hypomnēmata* constituem, então, o elemento mediador entre a memória de Sócrates e a memória de Euclides, além de ser o elemento necessário para a preservação e conservação da memória de ambos por meio da escrita. Entretanto, não há comparação entre a memória de Sócrates, capaz de narrar toda a conversa, e a memória de Euclides. A memória de Euclides é deficiente e essa deficiência atesta-se em sua incapacidade de narrar a conversa tal qual ele ouvira de Sócrates.

¹¹⁰ A relação entre memória, reminiscência e imaginação é discutida no segundo opúsculo aristotélico, *Da Memória e da Reminiscência*, na obra *Parva Naturalia*.

¹¹¹ No *Banquete* de Xenofonte (III,6) a expressão ἀπὸ στόματος é empregada em contexto similar. Nicérato declara que ele é capaz de recitar os versos homéricos *de cor* (ἀπὸ στόματος), porque seu pai o forçou a “*aprender todos os versos de Homero*”.

2. Memória, oralidade e escrita

Mas qual relação se estabelece, no prólogo, entre memória, oralidade e escrita? Primeiramente, é preciso examinar o papel atribuído à memória no prólogo. Segundo Cornelli e Carvalho,

O preâmbulo do *Teeteto* é um ‘teatro de mediações’: existe a mediação de Sócrates e sua memória, de Euclides e sua memória, imediata e depois reflexiva; há de novo a memória de Sócrates interrogada por Euclides; finalmente há a mediação da forma do texto e a da leitura pelo escravo – para não citar o texto que temos hoje nas mãos e as leituras que fazemos dele. (CORNELLI; CARVALHO, 2011, p. 101)

Podemos dispor, assim, essas memórias (no plural, pois contamos agora com a memória de Sócrates e Euclides): primeiramente, na conversa entre Euclides e Térsipion, temos a memória de Euclides em relação a Sócrates e Teeteto, já que ele se lembra que existiu uma conversa entre os dois, embora não se lembre de seu conteúdo. Em seguida, no processo de revisão dos escritos por Euclides, temos a memória de Sócrates preenchendo as lacunas deixadas pela falta de memória de Euclides, ou seja, dependemos da memória de Sócrates em relação a Teeteto. Por fim, sabemos que o verdadeiro autor do diálogo é Platão, e não Euclides. Assim, temos a memória de Platão em relação a Sócrates.

Mas Euclides ouviu de Sócrates as conversas com Teeteto e as tomou por escrito. No exercício de transcrevê-las, ele pensa essas recordações e esse esforço mnemônico lhe garante o acesso a essa conversa. Entretanto, a memória lacunar de Euclides não lhe permite que o processo de escrita seja acabado. Diz ele:

ἀλλ’ ἐγραψάμην μὲν τότε εὐθὺς οἴκαδ’ ἐλθὼν ὑπομνήματα, ὕστερον δὲ κατὰ σχολὴν ἀναμνησκόμενος ἔγραφον, καὶ ὁσάκις Ἀθήναζε ἀφικοίμην, ἐπανηρώτων τὸν Σωκράτη ὃ μὴ ἐμνημήμην, καὶ δεῦρο ἐλθὼν ἐπηνορθούμην· ὥστε μοι σχεδὸν τι πᾶς ὁ λόγος γέγραπται.

Mas logo ao chegar em casa, escrevi as anotações, e depois, em momento de ócio, escrevia conforme me lembrava, e todas as vezes que voltava à Atenas, perguntava novamente a Sócrates o que não me recordava e, retornando para cá, as corrigia; de modo que a conversa está escrita quase em sua totalidade¹¹².

Conforme a passagem, a disposição dessas memórias no prólogo se dá tanto no âmbito oral quanto no escrito. A discussão do diálogo principal ocorreu, em algum momento,

¹¹² *Teeteto*, 143a.

numa conversa entre Sócrates, Teeteto e Teodoro, ou seja, seu caráter fundamental é a oralidade. Embora Euclides não estivesse presente durante esta conversa, ele a teria ouvido de Sócrates durante as suas idas à Atenas, portanto, outra marca de oralidade. Num segundo momento, Euclides retornava à sua casa e fazia suas anotações. Estabelece-se, portanto, a relação entre a memória e a escrita, isto é, a relação entre aquilo de que ele se lembra e os seus *hypomnemata*.¹¹³ Entretanto, como ele nem sempre era capaz de se recordar de tudo o que ouvira, ele pedia novamente a Sócrates que recontasse as passagens das quais ele não se lembrava, estabelecendo a relação entre memória, oralidade e escrita¹¹⁴. Mas como Euclides sabia quais eram as partes de que ele não se lembrava? Segundo Tschemplik,

Parece que a única maneira de sabermos que esquecemos algo é se tivermos uma boa ideia do todo e, portanto, conhecermos quando certas partes ou links estão faltando ou estão mal conectados. Assim, uma maneira possível para Euclides saber que ele tinha esquecido certas partes seria se ele tivesse entendido a conversa quando Sócrates lhe narrava, assumindo que o todo fazia sentido e, portanto, que ele sabia que tinha esquecido algo sempre que chegava a um ponto em que seu diálogo não fazia sentido. (TSCHEMPLIK, 2008, p.18-19).

Assim, ao reescrever o diálogo, Euclides se lembrava daquilo que fazia sentido para ele e, diante das partes que ele havia esquecido, ou considerava desconexa com o todo da narrativa¹¹⁵, recorria à memória de Sócrates para que essas passagens fossem “corrigidas”, o que nos leva a pensar que o diálogo, tal como apresentado por ele, depende muito mais de suas lembranças e interpretações.

Mas o ciclo da construção narrativa continua. Euclides, ao retornar a sua casa, corrigia suas anotações baseando-se naquilo que Sócrates lhe contara. Essa correção demonstra a relação entre a memória e a escrita de Euclides com base a oralidade de Sócrates e a sua preocupação de lembrar o diálogo corretamente. A consequência direta dessa elaboração cíclica do diálogo é que agora Euclides tem por escrito toda a conversa entre

¹¹³ Segundo Mouze (2020): “Os escritos são *hypomnèmata*: ajudam a lembrar de algo que já sabemos, são um apoio, um trampolim (*hupo*), para o ato de lembrança. Naturalmente, eles só podem executar esta função quando são lidos, de modo que por trás da *hypomnese*, é a leitura que é visada desta vez. Ler é refrescar a memória, despertar memórias. A leitura, portanto, desencadeia a anamnese, ou seja, a atividade pela qual a alma se reapropria, reativa uma *sophia* que possui em si mesma, em sua memória”.

¹¹⁴ Sedley aponta a semelhança entre essa passagem do prólogo e o *Banquete* (173b1-6): “No *Banquete*, Apolodoro pode narrar ao seu companheiro o que foi dito no banquete de Agatão, apesar de não ter estado presente, porque ele aprendeu oralmente com um Aristodemo, e posteriormente verificou alguns dos detalhes com o próprio Sócrates”. (SEDLEY, 2004, p.16)

¹¹⁵ Para a discussão da relação entre a relação entre o “todo” e “as partes”, cf. *Teeteto*, 204a a 209d.

Sócrates, Teeteto e Teodoro sob a forma de um livro (βιβλίον) que pode finalmente ser reproduzido (lido) para Térpsion. Mas o livro não será lido por seu suposto autor, Euclides, pois essa tarefa caberá ao menino escravo, caracterizando assim a última marca da oralidade no prólogo.

Nesse contexto, os papéis dos interlocutores podem ser assim descritos: Sócrates, detentor do discurso e que dele se recorda, não o escreveu. Euclides, que também detém o discurso, embora dele não se recorde, necessita dos escritos para se recordar. O escravo é o possuidor/leitor do discurso, mas, por sua vez, não o escreveu, e se torna responsável de trazer à memória de Térpsion o relato que ele já ouvira falar, mas que nunca tivera acesso ao seu conteúdo.

A memória dramática é, por seus aspectos, responsável pela ciclicidade da composição do diálogo. Marca dessa ciclicidade é a rememoração do oral, pois Euclides se recorda (ἀναμνήσκω) e se lembra (μιμνήσκω) do que foi dito por Sócrates; o segundo aspecto é a escrita, representado pelo substantivo ὑπόμνημα, a anotação escrita. Além disso, observa-se na passagem o uso de duas formas do verbo *escrever* (γράφω): o primeiro, *egrapsámēn* (escrevi), está associado ao termo *hypónēnma* (anotação), ou seja, escrever para não esquecer; o segundo, o perfeito *gégraptai*, confirma o término da ação, ou seja, o diálogo já *está escrito* por Euclides. Não é imprudente, aqui, caracterizar Euclides como “autor” do diálogo, pois

O *Teeteto* é o único diálogo platônico que identifica explicitamente o "escritor" do diálogo dentro do diálogo em si e especifica que não é de fato Platão. Platão aparentemente achou importante que o leitor soubesse que ele não é o "autor" desse diálogo sobre o conhecimento; e, ao mesmo tempo, ele fornece uma ocasião dramática para a "coincidência" de que o diálogo é lido em voz alta por um "escravo" (143c). (TSCHEMPLIK, 2008, p. 17)

Portanto, o fim dessa construção narrativa descrita no prólogo é apresentar a versão escrita do diálogo, mesmo que ela seja a versão mnêmica de Euclides do que lhe foi narrado, dado que não temos condições de saber quais eram as partes das quais ele não se lembrava nem aquelas revisadas por Sócrates. Mas tendo em vista o jogo entre esquecimento e lembrança característico da memória dramática, é preciso observar como se deu esta “revisão” das anotações de Euclides por Sócrates.

No final do *Teeteto* (210d), é dito que Sócrates deve dirigir-se ao Pórtico dos Reis para ter conhecimento de sua sentença e, além disso, sabemos que as suas conversas com Euclides se deram um pouco antes de sua morte. Em que momento,

então, ocorreram os encontros entre os dois, para que se dessem as intervenções de Sócrates e a posterior (re)escrita das conversas por Euclides? No *Fédon* (58c), nos é dito que entre a sentença proferida contra Sócrates e a sua execução há um período de cerca um mês entre elas. Se considerarmos esse tempo, podemos supor que Euclides teria visitado Sócrates na prisão durante este intervalo e feito a revisão de suas anotações na cela onde ele se encontrava preso.

Entretanto, nesse período temos Sócrates, que nunca escrevera, autoriza o registro escrito de suas conversas. De fato, não há estranhamento na possível mudança de opinião de Sócrates em relação à escrita, pois existe uma relação entre a escrita de Sócrates no *Fédon* e a escrita de Euclides no *Teeteto*. Moody (2021) relembra que Sócrates, no *Fédon*, (60c-61b) revela que ele mesmo teria escrito alguns poemas na prisão. Assim, é significativa a participação de Sócrates na “revisão” dos escritos de Euclides, pois “Euclides obteve suas informações diretamente de Sócrates poucos dias após a conversa original, e o texto escrito praticamente contemporâneo ainda em sua posse tem, na verdade, a própria aprovação de Sócrates (SEDLEY, 2004, p.16).

Mas diante do diálogo escrito, cabe-nos perguntar se Platão, por sua vez, teria mudado a sua posição em relação à escrita, já que o mito narrado no *Fedro* indica quais seriam os reveses para a memória dado o seu aparecimento. Não seria estranho este reforço da escrita no prólogo do *Teeteto*, visto que o próprio Platão critica seu uso no *Fedro*?

A relação problemática entre escrita e memória é descrita no *Fedro* (274b-277a.), em que Platão narra a lenda do deus egípcio Theuth, inventor dos números, do cálculo, da geometria, da astronomia e descobridor da escrita. Na passagem, o deus distribui elogios e censuras a cada uma dessas artes e, ao apresentar a escrita, declara ao rei que tal arte “*tornará os egípcios mais sábios e eles terão boa memória; assim, descobri um phármakon para a memória e a sabedoria*” (274e), ao que lhe teria replicado o rei:

τοῦτο γὰρ τῶν μαθόντων λήθην μὲν ἐν ψυχαῖς παρέξει μνήμης ἀμελετησίᾳ, ἅτε διὰ πίστιν γραφῆς ἕξωθεν ὑπ’ ἀλλοτρίων τύπων, οὐκ ἔνδοθεν αὐτοῦς ὑφ’ αὐτῶν ἀναμνησκομένους· οὐκ οὖν μνήμης ἀλλὰ ὑπομνήσεως φάρμακον ἦῤυρες.

isto engendrará esquecimento nas almas daqueles que aprendem, pois não cultivarão a memória, porque ao confiarem no que está escrito, se lembrarão não a partir do seu próprio interior, mas do exterior, através

de sinais estranhos. Certamente não encontrei um remédio para a memória, mas para a recordação.¹¹⁶

Alguns elementos presentes no mito assemelham-se aos encontrados no prólogo. No *Fedro*, “escrita” (*graphēs*) está ligada à “recordação” (*hypomnēseōs*) da mesma maneira que, no *Teeteto*, “escrevi” (*egrapsámēn*) está ligado a “anotações” (*hypomnémata*). Existe, é evidente, uma forte relação semântica entre o escrever e o lembrar, entre a escrita e a memória. Segundo a passagem, recordar é ter acesso àquilo que de alguma forma foi registrado e está preservado, pois

a transcrição que o escravo de Euclides é agora solicitado a ler, e que constituirá o corpo principal do diálogo, pretende (dentro da ficção dramática) nos levar de volta a um Sócrates vividamente histórico, congelado no tempo por um registro *verbatim* de suas palavras, no momento em sua vida quando ele estava prestes a entregar a tocha aos seus sucessores. (SEDLEY, 2004, p.17)

No *Fedro*, a escrita é um *phármakon* (φάρμακον), uma palavra ambígua que, sem contexto, pode levar a interpretações errôneas. Ora, os significados que se lhe atribuem são *veneno* e *remédio*. Por seu caráter tóxico, a escrita representa uma natureza negativa, ou como observamos na passagem acima do *Fedro*, ela leva ao enfraquecimento da memória e ao esquecimento. Em contrapartida, a escrita tem também uma natureza positiva. Enquanto remédio, ela cura ou salva os homens do esquecimento e é este o papel que atribuo à escrita no *Teeteto* em sua relação com a função memorialística do diálogo, quer pensemos os escritos de Euclides, quer pensemos os Platão. Se temos acesso à conversa entre Sócrates e Teeteto, isso se deve às anotações escritas de Euclides e, por outro lado, se temos acesso aos ensinamentos de Sócrates, isso se deve aos diálogos escritos por Platão. O *Teeteto*, por ser um diálogo em que se diz explicitamente que foi escrito é representação do pensamento de Sócrates e se faz representação toda vez que é lembrado ou lido (CORNELLI; CARVALHO, 2011). Neste sentido, o *phármakon* reproduzido pelo diálogo é essencialmente positivo.

Resta-nos, ainda, outro aspecto em relação à escrita. Ao apresentar o livro a Térpsion, Euclides diz que ele não está escrito da maneira como Sócrates havia narrado, mas da maneira como Sócrates havia conversado com Teeteto e Teodoro. Para tal composição, Euclides teria retirado as expressões que caracterizavam os intervalos da

¹¹⁶ *Fedro*, 274e.

conversa¹¹⁷ como, por exemplo, “*eu disse*” ou “*eu afirmei*” ou expressões como “*concordou*” ou “*não concordou*”. Assim posto, o escravo leitor¹¹⁸ do diálogo não o lê do modo que ele foi originalmente narrado por Sócrates a Euclides, mas da maneira que Euclides “escreveu” o diálogo, pois

Retirando todas as marcas características do discurso indireto, Euclides, assim, deliberadamente passou a modificar a dramaturgia dos diálogos. Ao fazê-lo, [...] Platão, através de Euclides, suspende explicitamente “a proibição que ele havia jogado n’*A República* sobre a μίμησις integral”, característico de sua escrita na época. Nessa perspectiva, o ganho narrativo justificaria uma transgressão das regras poéticas estabelecidas n’*A República* e que regem, desde então, a escrita dos diálogos. (AUFFRET; RASHED, 2015, p.41)

A referência à *mimesis*, tal como aparece n’*A República*, possui um interessante elo com o prólogo do *Teeteto*. Das definições desse conceito nela apresentadas, nos interessa aqui aquela do livro III (392d), em que Platão trata dos gêneros de composição e diferencia três modos de narrativa (διήγησις): a simples (ἀπλή), a imitativa (διὰ μιμήσεως) e a mista (δι’ ἄμφοτέρων). Tal distinção é importante para a compreensão do papel do narrador na composição do diálogo, explicitada pela omissão das partículas narrativas feita por Euclides. Neste processo de “edição do texto”, a escolha de Euclides (ou de Platão) é o uso da fala direta das personagens, assim como ocorre na forma dramática do texto trágico, em que a narração se dá por meio da imitação. Assim, a mímese desenvolvida por Platão “é a do discurso escrito que mimetiza o discurso oral, é uma mímese discursiva” (CAIMI, 2003, p.113).

A passagem do *Teeteto* destaca que, “enquanto obscurecem a fonte da narração, os diálogos dramáticos devem ser considerados como narrativas cujo narrador é suprimido” (FINKELBERG, 2019, p. 6), mas, identificar o Sócrates do *Teeteto* como um narrador suprimido não faz plena justiça ao seu papel no diálogo, pois não há dúvidas sobre a identidade do narrador do *Teeteto*. Por mais suprimido que seja formalmente, Sócrates está, no entanto, indiretamente presente no texto: ele é o narrador implícito do diálogo. De acordo com Brandão,

Além de garantir-nos que Sócrates não só dialogava, como relatava em seguida seus próprios diálogos, o trecho mostra como se pode

¹¹⁷ *Teeteto*, 143c.

¹¹⁸ Segundo HO (2011), o menino escravo pode ser considerado irrelevante para a discussão filosófica no diálogo, exceto por o diálogo escrito em palavras orais faladas por meio de sua recitação. Sua recitação mostra que a fronteira entre falar e escrever pode ser facilmente transgredida se falar simplesmente se referir a uma apresentação oral e a escrita a uma literal.

passar, na transmissão dos *lógoi* socráticos, por vários tipos de *léxis*: Sócrates valeu-se da diegese mista (como faz na *República*), mas Euclides escreveu uma diegese mimética (que, contudo, dá a entender que se trata de diegese do próprio Sócrates, à qual foi fiel) (BRANDÃO, 2007, p.362).

A fidelidade de Euclides à narrativa de Sócrates também está alinhada, a meu ver, ao papel da memória dramática que proponho para a leitura do prólogo. Como visto, toda a transmissão da conversa entre Sócrates, Teeteto e Teodoro, e a sua posterior escrita se deve, primeiramente, à falta de confiança de Euclides em sua própria memória e às constantes visitas a Sócrates para que esse, por conta de sua memória privilegiada, pudesse socorrê-lo para a elaboração do livro lido pelo escravo, resultado dessa sobreposição dessas narrativas.

Considerações finais

Procuramos mostrar, neste artigo, como alguns aspectos da memória dramática, ou seja, do jogo entre esquecimento e lembrança, servem como elemento norteador para a interpretação do prólogo do *Teeteto* de Platão. A análise mostrou que a memória, em sua relação com a oralidade e a escrita, torna-se fundamental para a compreensão da elaboração do diálogo.

Os aspectos da memória mostram que a reflexão sobre a dramaticidade da construção narrativa no *Teeteto* não rivaliza com a oralidade ou com a escrita, ao contrário, existe uma relação de interdependência entre esses conceitos. Assim, o diálogo *Teeteto* possui uma função memorialística, se pensarmos sua construção dramática, explícita no prólogo. O livro escrito “por Euclides” fora antes um memorial, uma caderneta em que ele, particularmente, fazia os apontamentos daquilo que deseja lembrar-se. Por consequência, o diálogo pronto tem por função assegurar ao leitor essa passagem do registro oral ao escrito, preservando assim a memória de Sócrates em uma narrativa cujo caráter é também a construção da identidade socrática, fazendo do diálogo – escrito – um documento de transmissão do pensamento de Sócrates.

Referências

AUFFRET, Thomas; RASHED, Marwan. Observations sur le prologue du Théétète. In: Gysembergh, Victor; Schwab, Andreas (Éd.): **Le Travail du Savoir / Philosophie**,

- sciences exactes et sciences appliquées dans l'Antiquité**, Wissenschaftlicher Verlag Trier, 2015, p. 31-47.
- BENARDETE, Seth. **Plato's Theaetetus: Part I of The Being of the Beautiful**. Chicago: University of Chicago Press, 1984.
- BLONDELL, Ruby. **The Play of Character in Plato's Dialogues**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- BOSTOCK, David. **Plato's Theaetetus**. Oxford: Clarendon, 1988.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. Diegese em *República* 392d. **Kriterion**, Belo Horizonte, nº 116, Dez/2007, p. 351-366.
- CHAPPELL, Timothy. **Reading Plato's Theaetetus**. Indianapolis: Hackett, 2004.
- COLLOBERT, Catherine. La littérarité platonicienne: instances et modes narratifs dans les dialogues. **Revue de métaphysique et de morale**, v. 80, n. 4, 2013, p. 463-476.
- CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo. El juego retórico de la verdad: sobre el Prólogo del Teeteto. In: LASSI, F. & MONSERRAT-MOLAS, J. **Formal Structures in Plato's Dialogues**. Academia Verlag, 2011, p. 99-108.
- FINKELBERG, Margalit. **The gatekeeper: narrative voice in Plato's dialogue**. Leidein; Boston: Brill, 2019.
- HO, Hua H. Plato's Theaetetus as indirect dialogue: in the difficulties of writing philosophy. **Journal of Soochow Philosophy**, edição 24, 2011, p. 1-21.
- HOFFMANN, Philippe. Écriture littéraire et écriture philosophique. L'exemple de Platon. **Topoi**, volume 4/2, 1994. p. 637-642.
- KAKLAMANO, Eleni; PAVLOU, Maria. Reading the Proemium of Plato's Theaetetus: Euclides in Action. **Greek, Roman, and Byzantine Studies** 56, 2016, p. 410-437.
- MOODY, Thomas W. **Emotion in Plato's Trial of Socrates**. New York: The Graduate Center, City University of New York, 2021.
- MOUZE, Létitia. Lecture et mémoire dans le Phèdre : Platon contre “Barthes et al.” – to the happy few. **Methodos**, n. 20, 2020, p.1-32.
- NETO, Nelson de Aguiar Menezes. A diégese platônica. **Analógos**, Rio de Janeiro, Edição Especial, 2017, p. 37-47.
- PLATÃO. **Platonis opera**. Ed. J. Burnet. Et. Oxford: Oxford Clarendon Press, 1900 – 1909.
- SEDLEY, David. **The Midwife of Platonism: Text and Subtext in Plato's Theaetetus**. Oxford: Clarendon Press, 2004.
- SOURCE, J.J.A. Les prologues du “Théétète” et du “Parménide”. **Revue de Métaphysique et de Morale**, n. 1, PUF, 1971, p. 6-23.
- SOUZA, Luciano Ferreira de. Conhecimento e Memória no *Teeteto* de Platão. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2016.

STERN, Paul. **Knowledge and Politics in Plato's *Theaetetus***. Cambridge: Cambridge University Press, 2008,

TSCHEMPLIK, Andrea. **Knowledge and Self-knowledge in Plato's *Theaetetus***. Lanham: Lexington Books, 2008.

XENOFONTE. **Banquete, Apologia de Sócrates**. Tradução do grego, introdução e notas: Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.

YATES. F.A. **A arte da memória**. São Paulo: Editora UNICAMP, 2007.